

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM ENNIO MORRICONE
7 de Setembro de 2020

THE MISSION / 1986
(A Missão)

Um filme de Roland Joffé

Realização: Roland Joffé / Argumento: Robert Bolt / Direcção de Fotografia: Chris Menges / Direcção Artística: Stuart Craig, Norman Dorme / Guarda-Roupa: Enrico Sabbatini / Música: Ennio Morricone / Som: Allan Brereton, Christopher Ackland / Montagem: Jim Clark / Interpretação: Jeremy Irons (Gabriel), Robert de Niro (Mendoza), Ray McAnally (Altamirano), Aidan Quinn (Felipe), Cherie Lunghi (Carlotta), Ronald Pickup (Hontar), Chuck Low (Cabeza), Liam Neeson (Fielding), etc.

Produção: Warner Brothers – GoldCrest – Enigma / Produtores: David Puttnam e Fernando Ghia / Cópia em 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português / Duração: 125 minutos / Estreia em Portugal: 19 de Dezembro de 1986.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

O “mastermind” de **The Mission**, um dos mais famosos filmes dos anos 80 (sete nomeações para os oscars embora só tenha ganho um: a direcção de fotografia de Chris Menges), é muito mais o produtor David Puttnam do que qualquer outro interveniente. Dizê-lo assim não significa nenhuma espécie de desculpabilização de ninguém (nem do realizador Roland Joffé), muito menos implica canalizar todo o “mérito” para a figura do produtor. Mas Puttnam, britânico nascido em 1941, foi desde os anos 1970 um dos principais dinamizadores de uma aproximação americano-inglesa, e em especial de uma ideia de cinema de “prestígio” (que conciliava a “seriedade” britânica com os recursos e o sentido de espectáculo americanos) muito popular nas bilheteiras e nas cerimónias de atribuições de oscars – Puttnam já fora o responsável, entre outros, pelo muito bem sucedido **Chariots of Fire** (Hugh Hudson, 1981), e pelo filme que revelara o também britânico Roland Joffé (**Killing Fields**, 1984), e conservando o realizador do segundo filme montou **The Mission** como uma tentativa de replicar o sucesso do primeiro. Os restantes colaboradores são de elite: Robert Bolt no argumento (de certa forma, o Gabriel de Jeremy Irons está para os índios guaranis como T.E. Lawrence estava para os árabes no **Lawrence of Arabia** cujo argumento teve assinatura de Bolt), Ennio Morricone na composição da música original, dois dos actores mais admirados daquela época (Jeremy Irons e Robert de Niro, mais um tandem anglo-americano, ambos no auge da fama). Last but not least, as fabulosas paisagens da selva sul-americana (a rodagem decorreu no Brasil, no Uruguai, no Paraguai, na Argentina e na Colômbia, grosso modo, e fora estes dois últimos países, os locais da acção descrita pelo filme).

Nada contra, este tipo de produções que pescam o êxito na bilheteira com o isco do “prestígio” (normalmente avalizado pelos oscars) existe se não desde que há Hollywood, desde que há oscars. A ideia de “fresco” histórico, frequentemente, está-lhes associada.

The Mission também cumpre essa alínea, mergulhando nos conflitos (hispano-portugueses, no caso) da América do sul pré-independências, a função da religião na legitimação das conquistas territoriais, as relações com os povos locais. Tudo isto informa o filme de Joffé, que da sua parte traz o traquejo ganho a filmar os “killing fields” do sudeste asiático (no seu filme anterior) para os “killing fields” guaranis. Sentido de grandiosidade não lhe falta – e as melhores cenas, como por exemplo a abertura que é uma espécie de prólogo, são as que captam a majestade indiferente da natureza tornada cenário para a violência entre os homens (e noutras vezes, se calhar a maior parte, a natureza já é mais condição decorativa do que outra coisa, como por exemplo no tão anti-climático final). Os diálogos não mascaram, infelizmente, o lado empolado que é um dos clichés do “filme histórico”, o que diminui as personagens, já de si diminuídas pela “mise en scène” rígida – ver as cenas “políticas” tanto quanto as cenas mais “intimistas” – de Joffé, sempre imbuído de uma solenidade que se coaduna bem com o intuito da produção desvanecendo bastante a intensidade narrativa que a história propiciava. Entre as personagens diminuídas surge fatalmente a dupla principal, o padre bondoso de Irons e o comerciante de escravos arrependido de de Niro (que passa o filme, num prenúncio do que depois lhe aconteceria muitas vezes, numa espécie de desprendimento solitário, como se se visse menos a personagem do que o trabalho do actor a entrar na personagem mas a ficar sempre “fora” dela – ou como se vissemos de Niro menos a criar uma personagem nova do que a esforçar-se por impedir que apareçam todas as personagens lendárias que até 1986 já tinha interpretado).

Sensibilidades de 1980 sendo as que já eram, o olhar sobre os índios guaranis vem informado da noção do mal que mesmo sob a capa do bem os colonos europeus sobre eles operaram, e o filme cai no extremo da boa vontade, um paternalismo que raramente autonomiza os guaranis, e que se os respeita enquanto “categoria” não lhes encontra, narrativamente, matéria suficientemente interessante para arrancar a sua representação ao cliché.

Na época, um crítico americano (Paul Attanasio) abriu assim a sua revisão de **The Mission**: “Um filme que é tudo o que um filme deve ser – magnificamente produzido, épico no alcance, sério no tema – excepto ser bom”. Desminta-o quem conseguir.

Luís Miguel Oliveira